



## POLÍTICAS CULTURAIS E LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: ROCHA POMBO NA CAPITAL DA REPÚBLICA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3352

Maria Aparecida Leopoldino, UEM

### Resumo

O trabalho propõe uma reflexão de projetos editoriais elaborados por meio de políticas culturais produzidas no cenário brasileiro nos anos iniciais da República enfatizando a publicação de livros didáticos de História para o ensino escolar. Toma como eixo de análise o trajeto percorrido pelo intelectual paranaense José Francisco da Rocha Pombo (1857- 1933) para abordar questões referentes ao tema *professor-autor* e ensino de História escolar nos anos iniciais do século XX. Desenvolvido no âmbito da História Política dos intelectuais, atenta-se para o papel do intelectual paranaense na configuração de uma historiografia didática nacional no conturbado início da República brasileira na cidade do Rio de Janeiro.

### Palavras Chave:

Rocha Pombo; Livros Didáticos; Políticas Culturais.

## Introdução

As pesquisas históricas que envolvem o estudo dos livros didáticos atualmente relacionam-se com aquelas que têm os impressos como fonte de investigação, por expressarem um dos suportes material oriundo do surgimento da imprensa que, na sua crescente circulação, tiveram papel ativo nos processos de transformações culturais no espaço europeu ao longo do século XVIII e XX.

É possível visualizar, desde então, o lugar dos impressos na construção de políticas culturais e sua ligação com os poderes instituídos, por sua efetiva participação na constituição de meios institucionais de formação e divulgação da opinião pública e da memória social. Revistas, jornais, panfletos, mapas, gravuras, boletins, calendários, almanaques, entre outros suportes, como os livros, passam a fazer parte do universo das letras e dos letrados no início do século XX no Brasil.

No campo das pesquisas sobre os livros didáticos, os estudos sobre o papel dos impressos na vida social produziram um rico debate sobre a edição de livros escolares e sua relação com projetos político-culturais na afirmação dos Estados nacionais, tanto na Europa como nas Américas. Debates que apontam “ligações decisivas com os processos históricos de edificação nacional e de construção das identidades culturais; na sua capacidade de difusão e transformação das culturas políticas”. (DUTRA; MOLLIER, 2006, p.9).

Além da imprensa, da propaganda política e das publicações de grande divulgação, como foram os casos das edições de comemorações de cem anos do período de independência dos Estados, o livro didático foi parte das estratégias utilizadas na produção das identidades nacionais e individuais como já mostrou Choppin (2004), por meio de uma série de demandas, como: do

conteúdo selecionado, das políticas educacionais, da forma estrutural das disciplinas escolares, das práticas comemorativas e de seus usos para além do espaço escolar.

Essa condição de produtor de políticas culturais e de memórias faz do livro didático referência para periodizar a produção da escrita da história escolar e a trajetória intelectual de autores que escreveram seus livros no cenário brasileiro. Como mostram alguns trabalhos sobre intelectuais, foi possível perceber a auto-constituição do grupo de *professores-autores* a partir de suas experiências sociais como professores secundários, ou seja, de suas atividades docentes no magistério secundário. Tais trabalhos propõem a investigação dos laços sociais que o autor viveu e têm como fonte documental de análise registros diversos tais como: cartas, cartões postais, diários, notas, relatórios de viagem, e, entre outros, os livros editados. (GASPARELLO, 2008).

Neste trabalho, interessa verificar como projetos editoriais elaborados por meio de políticas culturais, produzidas no cenário brasileiro nas décadas iniciais do século XX, voltaram-se para a publicação de livros didáticos de História para o ensino escolar primário e secundário bem como contribuíram para a organização de um caminho que levou à profissionalização docente. Toma como eixo de análise o trajeto percorrido pelo intelectual paranaense José Francisco da Rocha Pombo (1857- 1933) para abordar questões referentes ao tema que relaciona livros didáticos de História, projetos editoriais e trajetória intelectual de professores-autores.

Desenvolvido no âmbito da História Política dos intelectuais, atenta-se para o papel do letrado paranaense na configuração de uma historiografia didática nacional no conturbado início da República brasileira, na cidade do Rio de Janeiro, quando os letrados ligados ao universo político participavam da

ampliação da esfera pública por meio de estratégias editoriais escrevendo livros escolares. Gasparello (2009) indica que os intelectuais que eram professores, entre meados do século XIX e décadas iniciais do XX, exerciam o magistério em diferentes lugares institucionais (Escolas Normais, Liceus regionais, e, principalmente no Colégio Pedro II) além da inserção social em suas atividades políticas, como:

[...] membros do Conselho Superior de Instrução pública; promotores, delegados, juízes; e ainda cargos ou funções em estabelecimentos de ensino públicos, particulares e religiosos. (GASPARELLO; VILLELLA, 2009, p.52)

Essa diversidade de atuação configura o pertencimento do grupo a uma rede de sociabilidades que marca sua trajetória de vida e carreira intelectual. Sociabilidades<sup>1</sup> que se tornam mais visíveis entre os membros do grupo em posições privilegiadas e pertencentes à alta administração educacional e política, além do reconhecimento social por suas atividades intelectuais, literárias ou científicas (GASPARELLO; VILLELLA, 2004).

No presente estudo, atentou-se para três aspectos principais que articulam a vida do autor e sua produção didática: as relações de sociabilidade de Rocha Pombo quando de sua chegada ao Rio de Janeiro,

as instituições à que ele se vinculou – principalmente a Escola Normal e o IHGB – para chegar à produção da série *Resumo Didactico* como projeto editorial que participou ativamente.

Trata-se, neste trabalho, de compreender que aspectos centrais da vida intelectual de Rocha Pombo permitiram que o autor paranaense chegasse a ser convidado a produzir livros didáticos de História para a série e, ao mesmo tempo, permitem compreender os caminhos da formação da profissionalização docente no Brasil no decorrer do século XX.

### **Rocha Pombo: um letrado e o impresso em sua vida**

Às vésperas do raiar do novo século, José Francisco da Rocha Pombo, nascido em 4 de dezembro de 1857 na cidade de Morretes da então Província do Paraná, encontrava-se vivendo em um círculo de letrados na capital do estado quando decidiu mudar-se para a capital da República. Particularmente favorecido pela sua presença em jornais e de revistas de ampla circulação no Paraná, mas também pelo convívio nos meios letrados, de onde saíria o projeto reformador republicano que orientou suas produções, Rocha Pombo já era conhecido por sua produção no mundo da imprensa.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio

---

1 A palavra “sociabilidade” já era utilizada há mais tempo, porém sem o sentido recente de sua definição. Referia-se às pessoas e grupos em sociedade, incluindo os mais diversos laços sociais, como sinônimo de socialização, de agrupamento, ou de civilização. Era um “tema menor, folclorizado, marginal” (MOREL, 2001, p. 1). O conceito começou a ser visitado e valorizado a partir de trabalhos sobre o papel das associações para compreender a eclosão da Revolução Francesa, com Augustin Cochin (1925), trabalho que não teve repercussão imediata, mas seria recuperado por François Furet (1978). As sociabilidades – como tema e instrumental teórico e metodológico – fariam entrada definitiva no campo da pesquisa histórica

acadêmica com a obra de Maurice Agulhon (1968 e 1977), um dos reconhecidos herdeiros da *Ecole des Annales*, inicialmente com sua tese e, na década seguinte, com um balanço crítico das possibilidades e perspectivas de tal abordagem (MOREL, 2001). O que Agulhon propunha então não era mais o tratamento quase intuitivo ou impressionista, e sim o conhecimento das sociabilidades pela densidade da existência de associações constituídas e suas mutações num quadro geográfico e cronológico delimitado. (Gasparello, 2004)

de Janeiro, foi em Morretes, cidade natal próxima ao litoral e importante região paranaense até fins do século XIX, que Rocha Pombo iniciou sua atividade como escritor na década de 1870. Teve seu primeiro artigo publicado na revista fluminense “A Escola”, de José Serafim Alves, que, segundo Oliveira (2015, p. 42) foi transcrito na “Revista Del Plata”, de Buenos Aires.

Em 1879 iniciou como jornalista em um semanário republicano que chegou a dirigir e levava o nome “O Povo”. Fundado em 1879, o jornal foi definido como “órgão dedicado a causa popular” e inaugura, segundo Amélia Siegel Correa (2006, p.242), “a discussão republicana na imprensa paranaense”. Um ano depois, saiu de Morretes – região que participava ativamente da escoação da erva-mate até finais do século XIX – para seguir como jornalista na capital da Província em outro jornal de tendência republicana, em 1880.

Em Curitiba, além do jornalismo escreveu *A Honra do Barão* que foi seu primeiro livro impresso, tendo sido também transcrito no folhetim “Pátria”, de Montevideú. Em 1882 publicou o romance *Dadá* e, no ano seguinte, seguiu para a cidade de Castro com o intento de dirigir um jornal local. Em Castro, cidade do interior paranaense, publicou os livros: *A Supremacia do Ideal* e o *A Religião do Belo* e dirigiu o jornal “Echo dos Campos” que, segundo Ronie Cardoso Filho (2009), de caráter conservador, foi lançado em 1883 e funcionou até 1893. Casou-se com Carmelita Madureira, de uma família de grandes fazendeiros, o que o aproximou ainda mais dos conservadores. Para Correa (2006), a saída de Curitiba para residir em Castro tinha ligação com sua vida política na qual a fundação do jornal seria “a ponte para iniciar sua carreira

política”. Sobre a atuação de Rocha Pombo no *Echo dos Campos* Nestor Vitor relata:

Já estava Rocha Pombo de residência em Castro, isto é, em plenos Campos Gerais, quando nos correspondemos pela primeira vez. Voltando eu a Curitiba, onde fora prestar meus primeiros exames secundários, alguém me proporcionou a leitura de um número do Eco dos Campos, que o meu patrício, bem moço ainda, mas já ilustre em nossa terra, então redigia. Nesse número referia-se ele ao meu nome a propósito dum poemeto, “A Cabocla do Sul”, que eu recitara no Clube Literário de Paranaguá e que viera publicado num semanário local. (OC3, p 59, apud: VANALI, 2014, p.56)

A posição de prestígio que Rocha Pombo assumia no jornal conservador “Echo dos Campos” determinou, conforme Queluz (1994), o convite para sair candidato a deputado pelos conservadores. Com o apoio do Barão do Serro Azul, em 1884 chega à Assembléia Provincial, vitorioso pelos conservados, embora na tribuna defendesse a república e tivesse uma atuação política marcada pela apresentação de projetos reformistas. Essa atuação teria levado à desconfiança tanto por parte dos conservadores, quanto pelos republicanos. Sem o apoio para continuar a atuação política, retorna para Curitiba em fins da década de 1880 onde voltou a dedicar-se ao jornalismo.

Na capital da Província, em 1886, Rocha Pombo publicou o poema *A Guairá* e em 1887 o estudo *Nova Crença*. Dando continuidade ao trabalho na imprensa, no mesmo ano, monta o periódico denominado *Diário Popular* e constrói uma rede de jovens colaboradores<sup>2</sup> na redação

<sup>2</sup> Ana Crhistina Vanali indica que o grupo de letrados que se formavam em torno de Nestor Vitor, que Rocha Pombo então participava, tinha “as referências mais fortes, que permeiam esta sua fase inicial, estão ligadas ao fundamento de sua escolha estética: refere-se com constância a

autores que, pela forma como são utilizadas, confirmam suas propostas estéticas, como Balzac, Shakespeare, Goethe, Dante e autores do período greco-latino – de todas essas referências, nenhuma delas é simbolista, mas serão usadas para a constituição de um universo de ideias que

do jornal, como indica Nestor Vitor (1924):

[...] já nesse tempo nos movíamos ali uns quatro rapazes, representando nova camada em relação àquela que ele viera, sujeitos quase todos vadios, que éramos, como preparatorianos, mas já exercitados, mais ou menos, em fazer jornal e com propensão acentuada para as letras. Rodeamo-lo, como a um prezado mestre. Embora ainda bem moço, e aí se começou a organizar o núcleo que deu mais tarde os primeiros escritores paranaenses hoje conhecidos de todo o Brasil. Ao menos por esse lado, Rocha Pombo encontrava efetivamente um apoio para o seu diário. (Nestor Vitor, 1924, apud: OLIVEIRA, 2015, p.67)

Na década de 1890, publicou o romance *Petruccello* e a coletânea de contos e poesias *Visões*, em 1892. Foi também redator e, posteriormente, proprietário do jornal *Diário do Comércio*. Ainda em 1890, conseguiu concessão do poder público estadual para a criação da Universidade do Paraná, porém não chegou a empreender a criação, como aponta Queluz (1994). Ainda nesse período, colaborou com a revista *O Cenáculo* entre 1895 E, em 1896, mudou-se para Paranaguá, cidade em que morou um ano e colaborou com o jornal local, o *Aurora*, com diversos textos.

---

fundamentará uma tradição que culminará no simbolismo”. (VANALI, 2014, p. 58)

<sup>3</sup> Criado com a função de tornar-se modelo e irradiador de práticas consideradas adequadas e de conhecimentos científicos sobre a educação e a ciência. (Gondra, 1997).

<sup>4</sup> Sobre essa instituição ver: LOPES, Milton. A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS, Daniel Aarão (Orgs). História do Anarquismo no Brasil – Volume I. Niterói; Rio de Janeiro: EdUFF; Mauad, 2006.

<sup>5</sup> É nesse período, por exemplo, que a capital experimenta um grande crescimento econômico e urbano, sob a presidência de Rodrigues Alves (1902-1904), que se aproveita da condição da

Escreveu em 1897 a crônica *Para a História*, que foi publicada postumamente em 1980, de acordo com Oliveira (2015). Mudou-se para a então capital da República em 1897, fixando residência e vindo falecer em 1933, com 75 anos. Meses antes de sua morte, depois de ser indicado por três vezes na Academia Brasileira de Letras (ABL), finalmente viu-se acolhido em 1933 para a cadeira nº 39, que nunca chegou a assumir.

No Paraná sua vida pública foi marcada pela escrita literária e o jornalismo e foi no Rio de Janeiro que suas atividades se voltaram efetivamente para a docência e para a produção de livros didáticos, em especial livros de História. Exerceu o magistério na importante Escola Normal, onde teve seu primeiro compêndio de história publicado e adotado. Foi professor na cadeira de *História da Civilização Brasileira* em 1902<sup>3</sup> no *Pedagogium* e colaborador da *Universidade Popular do Ensino Livre* no ensino de História Universal em 1905<sup>4</sup>.

O Rio de Janeiro, enquanto cidade-capital torna-se, na virada do século XIX para o XX, um espaço de muito interesse para os letrados das diferentes regiões do país. Sofrendo transformações em seus mais variados aspectos, é visto como “a cidade das letras”, lugar de onde mais se poderiam observar as transformações políticas e culturais<sup>5</sup> com a inauguração da República

cidade como centro político do país para promover reformas no intuito de sanear seus problemas de infra-estrutura, apresentando para isso um governo com três diretrizes básicas: a remodelação da área portuária, a remodelação urbana, sob a responsabilidade do prefeito Pereira Passos, e a erradicação de doenças, sob a coordenação do médico sanitário Oswaldo Cruz. Todo esse projeto buscava apagar a imagem do Rio de Janeiro como uma cidade colonial, procurando elevá-la ao patamar das nações européias consideradas civilizadas. Serviria, portanto, para mostrar que o Brasil estava rompendo com o passado e se inserindo na pretendida modernidade.

e participar ativamente dos debates que se instauravam no centro da vida política nacional.

Na capital da República, as ruas tornavam-se palco do novo anunciado, sobretudo, enquanto universo sócio-cultural que, desde o final do século XIX, já contava com um número significativo de espaços que comportavam cafés, livrarias e bibliotecas, frequentadas pela população letrada – testemunhas oculares das mudanças – que formava o círculo de leitores bastante eclético, conforme mostrou Bessone (1999, p. 27):

Dele participavam jornalistas, literatos, bom vivants, flâneurs, comerciantes, políticos e boêmios, além das categorias profissionais mais afeitas aos livros, com destaque para os advogados e médicos que, além de suas tarefas específicas, tinham um trato mais íntimo com bibliotecas.

Tratava-se de homens de letras que tinham como principal afinidade o interesse pelo livro, a leitura e a formação de um acervo, como elemento simbólico e ativo da “cidade das letras”, para o qual a cidade “era mais que um espaço, uma causa política”. Tais grupos tinham como prática cotidiana a troca de ideias, correspondências, amizade, que formavam “redes de sociabilidades” a garantir inclusão e manutenção dos seus pares nos meios institucionais em funções de prestígio e indicações para exercer funções nas instituições culturais que despontavam na cidade republicana.

Rocha Pombo na “cidade das letras”, continuou a exercer o jornalismo e a literatura, mas retoma definitivamente a docência, o que pareceu ser o objetivo intelectual de ter-se mudado para o Rio de Janeiro nos primeiros anos do novo regime político. Quando chega à capital da República, encontra um ambiente social em que o governo tateava uma busca de

mediações que consolidassem a nova ordem política. Dentre os projetos estava a reforma educacional que se dava em função da criação do Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, em 1890, e, numa tensão significativa, regulamentou a Instrução primária e secundária conhecida como Reforma Benjamim Constant.

Já se encontrava no Rio de Janeiro quando publicou, por ocasião das comemorações do centenário de “Descobrimiento do Brasil”, o escrito *O Paraná no Centenário*, em 1900. A inserção de Rocha Pombo nas atividades de ensino ocorre nesse período de renovação educacional que o Rio de Janeiro foi palco. Em 1897, ano de sua chegada, um anúncio público sobre um concurso que seria promovido pelo *Conselho Superior da Instrução Pública do Distrito Federal* sobre livro didático foi definitivo para sua ascensão no meio educacional. O Conselho, então recentemente criado em 1890, tinha Manoel José do Bomfim (1868-1932) como membro e diretor da *Escola Normal do distrito Federal*.

Pertencentes ao diminuto mundo letrado, Rocha Pombo e Manoel Bomfim se conheciam. Bomfim, além de muito conhecido pela sua participação nas causas institucionais da República, escrevia nos jornais da época, como o *A República*, no qual tecia críticas à instrução educativa dos governos<sup>6</sup>. Rocha Pombo, por sua vez, já conhecido entre os letrados cariocas, decidiu se escrever no concurso criado pelo Conselho Superior de Instrução Pública do Distrito Federal, em 1897, investida de Manoel Bomfim, então diretor da Escola Normal e da Instrução Pública do Distrito Federal.

Em 04 de agosto de 1897 publicou-se o edital do concurso que tinha por objetivo proceder a mudanças nos programas de ensino e revisar a história nacional incluindo o Brasil no conjunto

---

<sup>6</sup> Sobre a atuação de Manoel Bomfim ver: Almeida (2006);

das Américas. De acordo com Alexsandro do Nascimento Santos, cabia ao Conselho Superior de Instrução Pública, órgão responsável pela definição dos conteúdos das disciplinas escolares, a indicação dos livros a serem adotados nas escolas públicas, elaborar os critérios para a publicação das obras. Eles se faziam por meio da realização de concursos, prática “[...] razoavelmente comum e estavam inseridos nos processos de nacionalização da produção didática” (SANTOS, 2010, p.36).

O concurso tinha por fim eleger o melhor trabalho que versasse sobre a História da América a ser publicado em forma de compêndio e adotado, inicialmente, pela Escola Normal. O vencedor receberia prêmio em dinheiro além de ter sua obra indicada e adotada nas escolas do Distrito Federal para a formação de mestres no exercício do ensino nas escolas primárias. Sobre isso Circe Bittencourt observa que:

Nas primeiras décadas da instalação do regime republicano assiste-se a um confronto entre setores da intelectualidade brasileira encarregados da redefinição da organização educacional. Tais confrontos se expressam nas tentativas de ampliar os estudos da história da América por parte de um grupo liderado por Manuel Bomfim no Rio de Janeiro. Os estudos da história da América corresponderam à tentativas de se deslocar uma constituição identitária forjada sob os moldes europeus para o espaço americano, então criador de novos projetos para as nações do continente americano. (BITTENCOURT, 2005, p.8)

Rocha Pombo – único candidato – se inscreve com o pseudônimo de Cristovão Colombo e apresenta seu escrito *História da América* no concurso. Seu texto é aprovado e o autor aceito para compor o quadro professor da instituição em 1898, além de receber o financiamento

do Conselho Superior para a publicação em 1900. Aprovado no concurso, Rocha Pombo ingressou em 1898 na Escola Normal do Distrito Federal e o escrito publicado em forma de *Compêndio*. A Escola Normal (atual Instituto de Educação do Rio de Janeiro) foi, então, o lugar institucional que o aproxima de ilustres figuras como Manoel Bomfim, de onde publica o seu primeiro compêndio didático: *Compêndio de Historia da America*.

O parecer de Manoel Bomfim salientou como uma das características mais favoráveis de Rocha Pombo a capacidade que ele apresentou de expor em quadros sintéticos os conteúdos da história com os quais o professor tinha que lidar: “[...] essas *qualidades de forma*, essenciais a todo o *trabalho literário* não faltam ao autor da presente História da América”. O aspecto pedagógico também determinou os elogios feitos por Bomfim. O que estava marcando a diferença de uma escrita didática seria o seu caráter de síntese e uma narrativa livre de um “excesso de erudição” na narrativa. Sobre essa observação afirma Santos (2009, p.64):

A qualidade literária da narrativa, portanto, não era então fator de desmerecimento para a elaboração do conhecimento histórico, sendo, para alguns, peça fundamental da sua realização. Talvez pudesse ser argüido de que se, no caso indicado, da produção de um compêndio, ou seja, um trabalho historiográfico com características particulares, que possuía entre suas características destinar-se a um público mais amplo, que precisaria ser conquistado para o texto com algo mais que uma abordagem crítica dos eventos.

Atendendo ao solicitado, que informava ser o objetivo do concurso editar um compêndio sobre a História da América a ser utilizado na formação de professores das escolas normais, Rocha Pombo anuncia o que considerava ser uma obra didática:

Uma obra didática em geral deve ser simples, clara e concisa: quando mais quando tem por objeto a história. [...] a primeira qualidade de tal trabalho é a de por, ante os olhos de quem estuda, os fatos em suas linhas gerais, de modo que a variedade deles não faça esquecer nunca ao espírito do leitor a grande síntese em que esses fatos se completam e animam. (POMBO, 1900, p. XXXIII)

O aspecto pedagógico da obra estaria, portanto, em uma narrativa capaz de despertar o interesse dos leitores [em especial as normalistas] em “transmitir” informações que valorizassem a história do continente americano e que favorecesse uma educação filosófica a partir da História. Com uma preocupação política e pedagógica, Rocha Pombo realiza a “grande síntese” dos fatos, que era um dos critérios de avaliação para a monografia sobre a América.

Texto destinado<sup>7</sup>, a monografia de Rocha Pombo, que garantiu seu ingresso como professor na Escola Normal do Distrito Federal, publicada como *Compêndio de História da América*, torna o paranaense ainda mais conhecido nos círculos intelectuais o que possibilitou que e, no mesmo ano de 1900, pudesse encaminhar o compêndio, junto com o seu livro *O Paraná no Centenário (1500-1900)*, para a avaliação pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) com o objetivo de ocupar um lugar como sócio efetivo na instituição.

Tendo como patrono Francisco Adolfo de Varnhagen, importante membro e orador do IHGB, na nona sessão ordinária de 1900, após a avaliação da comissão de admissão de sócios, Rocha Pombo foi aceito nos quadros oficiais. Tendo conquistado uma cadeira no IHGB, Rocha Pombo continuou a exercer

o ensino. Atuou também no *Pedagogium* e na *Universidade Popular do Ensino Livre*. Essa experiência pode ter contribuído significativamente para seu interesse na docência para a formação de professores, bem como voltar-se para o ensino primário.

O *Pedagogium* foi uma instituição de formação pedagógica fundada pelo médico Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897) que, a convite de Benjamin Constant, o dirigiu de 1890 a 1897. Para Menezes Vieira, a criação do *Pedagogium* teria sido uma expressão da modernidade educacional brasileira, na medida em que atenderia à necessidade pública em uma sociedade que, preocupada com o “progresso”, seguia as iniciativas dos países “civilizados”. A *Universidade Popular do Ensino Livre*, instituição fundada em 1904 por Elísio de Carvalho teve por finalidade “empreender a instrução superior e a educação social do proletariado”. Sobre essa instituição – também conhecida como Universidade do Povo – observa Clarice Caldini Lemos<sup>8</sup>:

No ano de 1905, Elysio de Carvalho figura entre os fundadores da Universidade Popular, a primeira no gênero da América do Sul. Contou com a participação e o apoio de figuras de projeção do meio intelectual da época, composta em grande parte por militantes anarquistas e socialistas, como Rocha Pombo, Curvello de Mendonça, Fábio Luz, Joaquim Murtinho, entre outros. O projeto, todavia, teve vida efêmera. (LEMOS, 2010, p.31)

A participação de Rocha Pombo como professor voluntário na cadeira de *História Universal* na instituição permitiu o entendimento de que o letrado paranaense teve uma aproximação com os intelectuais de variadas tendências políticas, como os de base socialistas e anarquistas, que

<sup>7</sup> *Textos* no sentido escrito por Rocha Pombo são compreendidos como configurações narrativas que formam as histórias escritas no século XIX.

<sup>8</sup> Dissertação de mestrado intitulada: Os bastiões da nacionalidade: Nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho.

marcou o cenário cultural do Rio de Janeiro da época. Marca também sua proximidade o professor paranaense com projetos educativos com a massa iletrada e a educação popular.

Em 1906 participou do concurso para professor candidato à cátedra de História do Colégio Pedro II, no entanto, foi reprovado por Capistrano de Abreu, que compunha a comissão avaliadora<sup>9</sup>. Fortemente atacado pela crítica de Capistrano, que chamou sua obra de *compilação*, entendida como “mais uma de outros tantos estudos falhos que pouco continha de pesquisa documental”<sup>10</sup>, Rocha Pombo continuou a escrever livros para o ensino de História escolar. A crítica efetuada por Capistrano indicou que o público do intelectual paranaense estava nas carteiras do ensino primário e escola normal. Seu objetivo pedagógico se definia, fundamentalmente, por promover a divulgação da História ao público infanto-juvenil e aos professores em formação.

Por intermédio do livro escolar divulgou um saber social respondendo à necessidade de ensinar condutas de comportamento e, sobretudo, o patriotismo. O alcance de suas obras foi dimensionado pelo manual *Nossa Pátria*, lançado em 1917 pela Editora *Weisflog Irmãos* e a *Companhia Melhoramentos de São Paulo*, que recebeu 88 edições. Antes deste manual, em 1905, Rocha Pombo se dedica à escrita de sua obra mais extensa: a *História do Brasil* (Ilustrada). Obra em 10 volumes publicados ao longo de 12 anos, de 1905 a 1917 – que teria dois editores: do primeiro ao terceiro volume *J. Sarainva* e do quarto ao décimo volume pela

*Benjamin*. Reeditado várias vezes, mas reduzido a um número menor de volumes<sup>11</sup>.

Marcado pelo interesse na docência do ensino primário e secundário, esse caminho bem como sua inserção no IHGB o levou a ocupar um lugar no mundo dos impressos escolares, sendo convidado a produzir livros didáticos para a preparação e uso dos professores normalistas. Seu contato com a *Companhia Melhoramentos de São Paulo*, editora da coleção “Resumo Didático”, ocorre num momento em que as obras didáticas tornam-se assuntos nacionais para implementação de políticas culturais voltadas à educação escolar primária no Brasil.

### Um autor e um projeto editorial: a série “Resumo Didático”

É este o quinto volume didático que escrevo para a Casa Weisflog Irmãos (hoje Companhia Melhoramentos de São Paulo). (Rocha Pombo, 1929, advertência)

No início do século XX, quando Rocha Pombo inicia suas edições didáticas, ensinar nas instituições de ensino primárias e secundárias e escrever livros didáticos eram atividades intelectuais às quais se dedicavam uma pequena parcela da população. A tarefa de produzir livros para o ensino foi assumida como necessária e própria à função docente, o que contribuiu para a expansão de editoras interessadas na publicação dos livros escolares.

Bittencourt (1993, p. 56) observa que em 1908, por exemplo, a comissão

<sup>9</sup> ABREU, Capistrano. “Carta de Capistrano de Abreu enviada a João Lúcio de Azevedo em 9 de março de 1921”. Correspondência de Capistrano de Abreu.. Vol. II. 1. ed., 1954, p. 197.

<sup>10</sup> ABREU, Capistrano. “Carta de Capistrano de Abreu enviada a João Lúcio de Azevedo em 9 de março de 1921”. Correspondência de Capistrano de Abreu.. Vol. II. 1. ed., 1954, p. 197.

<sup>11</sup> As reedições em menos volumes foram acompanhadas de mudança no nome da obra: POMBO, José Francisco da Rocha. História do Brasil. Edição do Centenário. 4 v. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922; História do Brasil, nova edição ilustrada. 5 v. [1. ed.] Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1935. (PEDRO, Alessandra. A EDUCAÇÃO COMO IDEAL: A obra histórica e didática de Rocha Pombo, 1900 – 1933. Tese de doutorado. UNICAMP, 2016.

responsável por rever a lista de obras adotadas em escolas públicas paulistas chegou a recomendar que os alunos só se utilizassem dos livros de leitura, bastando para as demais disciplinas as explicações dos mestres. As editoras participaram do debate sobre as necessárias mudanças no ensino escolar acompanhando não apenas uma nova abordagem historiográfica para a história nacional, mas também as questões metodológicas para o exercício do ensinar, num momento em que os debates sobre a escola nova ganham relevo.

No Rio de Janeiro, no século XIX até os anos iniciais do XX, a *Francisco Alves* se manteve em primeiro lugar na produção de obras didáticas no Brasil, mas será a partir da década de 1920, com a editora *Companhia Nacional* e a *Companhia Melhoramentos*, que se verifica a definitiva ampliação do mercado editorial para os livros didáticos. (Hallewell, 2005). As mudanças nos programas de ensino elementar foram sustentadas por propostas que conferiam um destaque ao livro escolar, em especial os de leitura, em relação às demais obras.

Para essa ampliação, as mudanças na organização da estrutura de ensino, ocorrido com a República, propiciaram a especialização das obras didáticas e incentivaram a busca de lucros por aquelas editoras. De maneira que a relação entre o livro didático e as editoras se intensifica com as políticas de formação dos professores, que se tornam mais visíveis a partir do final da primeira década do século XX.

A ampliação do mercado editorial produziu novos investidores como foi o caso da *Weiszflog Irmãos* que incorporou, em 1920, a *Companhia Melhoramentos* especializada até 1890 na produção de papel. Recebendo atenção da área editorial, os livros didáticos ganham destaque e a Weiszflog investe na publicação da área escolar passando a produzir seus próprios livros didáticos. Para isso, encomendando-os a autores renomados em geral membros do IHGB e professores-autores das escolas normais e ensino secundário.

A Companhia Melhoramentos teve um importante papel da divulgação dos livros de Rocha Pombo para outros estados. Foi essa editora que, entre os anos 1918-1936, publicou os principais livros didáticos de Rocha Pombo. Observa-se, na 18ª edição, por exemplo, a informação de que o “Nossa Pátria”<sup>12</sup> teria sido aprovado oficialmente para uso nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Maranhão, Paraná, Bahia e Rio Grande do Norte (Silva, 2008).

Rocha Pombo recebe destaque com o sucesso do “Nossa Pátria” e para ele a editora encomendou outros compêndios de História e a série “Resumo Didactico” que foi produzida entre 1926 a 1932.

Inédita no período, a coleção era organizada com o apoio dos historiadores Afonso d’Escragnole Taunay e Oliveira Lima. A série destinava-se aos professores das escolas primárias e aos alunos das Escolas Normais dos Estados. Os

<sup>12</sup> A 18ª edição do livrinho, de 1923, traz a seguinte informação: “Aprovada oficialmente nos Estados de S. Paulo, Santa Catharina, Sergipe, Maranhão e adoptada no ensino desses estados e dos de Paraná, Bahia e Rio Grande do Norte” (POMBO, 18ª ed., [1917] 1923). Na 62ª, publicada no final de 1920, o escopo do livro amplia-se passando a ser “Adoptado em todos os Estados do Brasil” (POMBO, 62ª ed., [1917] s.d.). Até pelo menos a 79ª edição, tanto o texto como as gravuras explicativas sofreram apenas algumas correções pontuais. A linguagem foi atualizada, a

antiga moldura oval, que enquadrava as figuras de “personagens ilustres”, substituída pela moldura retangular; e a matéria referente ao período republicano foi sendo, progressivamente, aumentada. Apenas em 1949, na 83ª edição, o texto sofreria uma correção maior, com a retirada de trechos sobre a Guerra do Paraguai considerados, então, ofensivos à nação paraguaia<sup>12</sup>.

autores convidados compõem um grupo de historiadores de diferentes Estados, tendo em comum sua filiação ao IHGB ou aos seus congêneres nos Estados. Constituíam, assim, um grupo de intelectuais ligados à produção historiográfica e, com algumas exceções, sem vinculação direta com os problemas educacionais da escola primária. O primeiro livro foi de autoria de Rocha Pombo, História do Estado de São Paulo, em 1918, que teve mais de uma edição, ao contrário da maioria dos outros livros editados que ficaram circunscritos a primeira edição. Ao todo foram publicados 12 livros. (BECHLER; SILVA, 2015, p.4)

Cada título da série dedicou-se a história regional de um estado do país destinado a alunos de diferentes níveis de ensino bem como para os professores. Rocha Pombo, reconhecido no seu estado e também em outros pela vinculação com o IHGB, foi convidado a escrever por ser conhecido por atuar na formação de “mestres escolares”. Sobre essa relação entre o novo regime político e as ações culturais do governo e o interesse nas histórias regionais, afirma Silva:

A instalação do regime republicano colocaria em pauta não apenas a necessidade de redefinir a identidade nacional, mas também de ensiná-la. Mas ensinar o Brasil aos brasileiros implicava também incorporar as histórias genericamente chamadas de regionais ao conjunto nacional. Em 1929, a Melhoramentos iniciou a publicação de uma série de compêndios de história regional, a serem recomendadas pelos conselhos de instrução locais. Essa série foi organizada por Afonso Taunay, então diretor do Museu

Paulista, que encomendou o texto aos historiadores de cada estado, reforçando os vínculos da editora fora da capital paulista. Tais histórias, publicadas em sua maior parte com o financiamento dos governos estaduais<sup>13</sup>, tinham o duplo desafio de estabelecer o que era comum aos brasileiros e o que era diferente e singular da região. Também precisavam – assim como a escrita da História do Brasil - definir os novos “outros” em relação à ideia de nação que se forjava naquele momento. Isso porque a definição ou redefinição de um projeto de nação precisa levar em conta os duplos desse processo, ou seja, em relação a qual “outro” o projeto de construção da nacionalidade seria materializado? (SILVA, 2014).

O sucesso da *Melhoramentos* se deveu, em boa medida, pelo investimento no projeto cultural que então se desenvolvia no contexto e foi, por seu intermédio, que o projeto foi materializado. A partir da primeira década de 1900, a produção de cartilhas, manuais e compêndios de história e de livros de temática cívica dedicados à infância cresce consideravelmente.

Para Fernanda Lucchesi (2004), os acontecimentos da Primeira Guerra e o decorrente “surto nacionalista” intensificaram a produção desse tipo de literatura e a educação primária passou a ocupar um lugar de destaque entre os intelectuais brasileiros. Esse ambiente de interesse pela escola primária propiciou que a Editora Weizsflog e Irmãos, decidisse criar, em 1916, uma seção escolar. Projeto que foi desenvolvido e ampliado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo e deu

<sup>13</sup> No Rio de Janeiro, em 1920, mesmo sendo o Rio de Janeiro maior que a cidade de São Paulo, o número de livrarias da primeira era a metade do número de editoras da segunda. Algumas editoras importantes desta época foram a Leite Ribeiro (livros jurídicos, didáticos, ciência, medicina,

literatura, infantis etc.), a Editora Schettino (literatura) e a Livraria J. Leite (livros acadêmicos). Porém a de mais destaque e que exercia forte concorrência à Melhoramentos era a editora Francisco Alves.

origem à série didática.

Além da presença comercial, os contatos com autores renomados e políticos, como Teófilo das Neves Leão – secretário de educação na gestão do presidente Prudente de Moraes, por exemplo – indicaram o lugar ocupado por essa editora no mercado de livros didáticos, o que será observado claramente nas décadas de 1920 e 1930. A forte relação com os poderes políticos e, entre eles, os contatos feitos com escritores em suas estratégias editoriais<sup>14</sup> justifica a importância de Rocha Pombo como autor-professor no período. Sobre ele, afirmou Rodolfo Garcia, seu sucessor no IHGB:

[...] não há como desconhecer o extraordinário mérito da obra de Rocha Pombo, sua utilidade provada, os serviços prestados aos estudiosos, que a estimam sobre todas as congêneres. Se conferidas as estatísticas das bibliotecas, verifica-se que sua História do Brasil é, nessa classe, o livro mais consultado, o mais lido de todos, o que significa popularidade e vale pela mais legítima das consagrações... Publicou, também, além de poesias e obras de ficção: História Universal – Nossa Pátria (com mais de 40 edições) – História da América (para uso das escolas primária) – Compêndio de História da América – História do Rio Grande do Norte – História de São Paulo – História do Paraná – O Paraná no Centenário – Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa. (GARCIA, 1933, apud: IHGB: <https://ihgb.org.br/perfil/usprofile/JFRPombo.html>)

Tal comentário dimensiona a importância do autor paranaense para a história da disciplina e do livro didático bem como sua intervenção na produção de memórias sobre o passado nacional e as histórias regionais. Pertencente ao grupo identificado com a cultura letrada e com

uma trajetória construída no interior de uma rede de vínculos sociais e experiências socioprofissionais, o autor paranaense passa a ser definido e reconhecido como intelectual que se dedicou ao ofício de professor. Como Rocha Pombo, uma gama de intelectuais passou a abrir caminhos para uma profissão intelectual que não os afastavam do grupo de letrados, “mas agregava uma conotação específica - o ofício de ensinar - com suas funções correlatas”. (Gasparelo, 2008). Ou seja, lhes cabia produzir livros didáticos, relatórios, participar de bancas de exames, respondendo ao desafio constituído por demandas institucionais, burocráticas e sociais referentes ao campo do ensino, e, nele, o ensino de História.

### Considerações Finais

O trabalho tratou do livro didático como parte das estratégias utilizadas na produção das identidades nacionais e individuais por meio das políticas culturais que marcaram os anos iniciais do século XX, fundamentalmente as políticas editoriais. De modo que é possível compreender um dos motivadores do surgimento de livros destinados aos professores das Escolas Normais e outros diferentes gêneros didáticos, para além dos compêndios e manuais que marcaram a produção em tempos anteriores no Brasil.

Para o trato com a temática, voltou-se para a publicação de livros didáticos de História e como eixo de análise o trajeto percorrido pelo intelectual paranaense José Francisco da Rocha Pombo (1857- 1933) para abordar questões referentes ao tema que relaciona livros didáticos de História e projetos editoriais. Desenvolvido no âmbito da História Política dos intelectuais, atentou-se para o papel do intelectual paranaense

<sup>14</sup> Para maiores detalhes ver: [http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2010/relatorios/ccs/his/HIS-Joao%20Gonzales%20Moreira.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2010/relatorios/ccs/his/HIS-Joao%20Gonzales%20Moreira.pdf)

na configuração de uma historiografia didática nacional no conturbado início da República brasileira na cidade do Rio de Janeiro, quando os letrados ligados ao universo político participam da ampliação da esfera pública por meio de estratégias editoriais.

No desenvolvimento do texto, observou-se que no início do século XX, quando Rocha Pombo inicia suas edições didáticas, ensinar nas instituições de ensino primárias e secundárias e escrever livros didáticos foram atividades intelectuais identificadas ao diminuto conjunto de indivíduos que se destacava da massa iletrada da população, conforme afirmou Gasparelo. A tarefa de produzir livros para o ensino primário foi assumida como necessária e própria à função docente, o que contribuiu para a expansão de editoras interessadas na publicação de livros escolares nas diversas áreas de saber.

Ao longo do século XX, a Companhia Melhoramentos de São Paulo atuou no setor gráfico de fabricação de papel e como importante editora de livros escolares. À ela coube, junto com a Irmãos Weizsflog, a produção da série “Resumo Didático”, da qual Rocha Pombo participou ativamente escrevendo cinco dos dez títulos que compunham a série.

Cada título da série dedicou-se a *história regional* de um estado do país, sendo que estava destinado a alunos de diferentes níveis de ensino bem como para os professores normalistas. Rocha Pombo, reconhecido intelectual no seu estado e também nos espaços institucionais do Rio de Janeiro, desde o concurso para a publicação do compêndio de História da América, foi convidado a participar.

Além de pertencer ao universo de intelectuais-professores e membro do IHGB, a atuação de Rocha Pombo entre os autores de livros didáticos oportunizou o convite que lhe foi dirigido para produzir os vários livros da série Resumo Didático. O sucesso de seus livros, por sua vez, se deveu a preocupação

pedagógica de produção didática, apresentando – desde – uma nova percepção de compêndio e manual escolar. Ou seja, escrito na contraposição dos livros considerados “indigestos”, por conta da erudição, profusamente ilustrado e de linguagem considerada “simples”, no contexto dos debates sobre a escola nova no Brasil. Seu trajeto intelectual é representativo do processo de formação de uma identidade sócio-profissional que marcou as práticas editoriais e a organização de um grupo de professores secundários que, em diferentes instituições culturais possibilitou traçar o caminho da profissionalização docente no decorrer do século XX

## Referências

ABREU, Capistrano. “Carta de Capistrano de Abreu enviada a João Lúcio de Azevedo em 9 de março de 1921”. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Vol. II. 1. ed., 1954, p. 197.

BASTOS, Maria Helena Camara. Ferdinand Buisson no Brasil: pistas, vestígios e sinais de suas idéias pedagógicas (1870-1900). *Revista História da Educação*. Pelotas, vol.4, n.8, setembro, 2000, p.79-109.

BESSONE, Tânia Maria. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BITTENCOURT, Circe. Ensino de história da América: reflexões sobre problemas de identidades. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*. n 4, 2005.

\_\_\_\_\_. Livro Didático e Conhecimento Histórico: uma história do saber escolar. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993.

BONFIM, Manuel. “Parecer”. In: POMBO, Rocha. *Compêndio de História da América*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900, p. VII-XXVII.

BOTELHO, A; SCHARCZ, L.M. (Org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes de um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARDOSO FILHO, Ronie. O Semanário A Campanha (1895-1896): aspectos ideológicos, midiáticos e históricos de um órgão de imprensa no interior do Paraná. *Anais. VII encontro nacional de História da Mídia*. Fortaleza, Ceará, 2009.

- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- CHERVEL, Andre. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 2, 1990.
- CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *Revista História da Educação*. Pelotas (11), Abril, 2002.
- \_\_\_\_\_. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa. *Revista de educação da USP*. São Paulo, v. 30, p. 549-566, set./dez. 2004
- CORREA, Amélia Siegel. Imprensa e política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.
- DONATO. Hermâni. *100 anos da Melhoramentos*. São Paulo: Melhoramentos, 1990
- DUTRA;Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean Yves. (Org.). *Política, nação e edição*. São Paulo: Annablume, 2006,
- GASPARELLO, Arlette Medeiros. Uma Pedagogia Histórica: caminhos para uma história da disciplina escolar. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 105-125, jan./abr., 2011.
- \_\_\_\_\_. Homens de letras no magistério: invenção e circulação de saberes. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008, Aracaju. *Anais do Congresso Brasileiro de História Educação: o ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2008. v. CD-ROM. p. 1-13.
- \_\_\_\_\_; VILELLA, Heloisa de Oliveira. Intelectuais e professores: identidades sociais em formação no século XIX brasileiro. *Revista Brasileira de História da Educação*, n° 21, p. 39-60, set./dez. 2009
- GOMES, Ângela de Castro. “Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 62-77.
- \_\_\_\_\_. “República, educação e história pátria no Brasil e em Portugal”. In: A República, a História e o IHGB. Belo Horizonte: *Argumentvm*, 2009.
- GONDRA, José G. O veículo de circulação da pedagogia oficial da República: A revista Pedagógica. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Vol.78, n.188-190, 1997,p.374-394.
- HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. São Paulo: *EdUSP*, 2005, p. 468.
- LEMOS, Clarice Caldini. Os Bastiões da nacionalidade: Nação e Nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.
- LUCCHESI, F. “Criando a Nação: os livros didáticos de história do Brasil de Rocha Pombo (1857-1933)”. *Educação on-line* (PUCRJ), v. 3, p. 5, 2008.
- MACEDO, A. M. C. “O Livro do Centenário (1500-1900) e o projeto de escrita da história na virada do século XX”. *Anais da IV Jornada de Estudos Históricos do PPGHIS*, 2009, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. Os intelectuais e a produção da série Resumo Didático pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. 1918-1936. 2006. 177 fl. *Tese Doutorado em Educação*. Programa de Pós-Graduação em Educação da USP.
- OLIVEIRA, Renato Edson. O Brasil imaginado em José Francisco da Rocha Pombo. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-graduação em História. Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 2015.
- PEDRO, Alessandra. A Educação como ideal: A obra histórica e didática de Rocha Pombo, 1900 – 1933. Tese de *Doutorado*. UNICAMP, 2016.
- POMBO, Rocha. *Compêndio de História da América*. 1900. p. XXXIII
- QUELUZ, Gilson Leandro. *Rocha Pombo: Romantismo e Utopias - 1880/1905*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- SANTOS, Amanda Terêncio dos. *Historiografia e ensino de História: Rocha Pombo e a escrita da história do Paraná*.
- SANTOS, Ivan Norberto dos. *A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGHIS, 2009.
- \_\_\_\_\_. As concepções de História na História do Brasil de Rocha Pombo. *Anais. XIII Encontro de História*. ANPUH: Rio. Identidades. Rio de Janeiro, 2010.
- SILVA, Alexandra Lima da. Do fazer-se Professor: Autodidatismo e Docência na experiência de Rocha Pombo. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 8, n. 1, jan.-jun., 2015.
- VANALI, Ana Crhistina. Uma retrospectiva histórica da literatura paranaense. *E-BOOK*. Curitiba, 2014.